

## POSTURAS E APAGAMENTO ENUNCIATIVO EM REPORTAGEM QUE COMUNICA CIÊNCIA

Maria Helena ALBÉ<sup>111</sup>

Maria Eduarda GIERING<sup>112</sup>

**Resumo:** Focalizamos a relação entre posturas e apagamento enunciativo em reportagem que comunica ciência. Mostramos ocorrências em que o emprego do discurso relatado coloca o locutor na posição de sobre-enunciador (RABATEL, 2015, 2013, 2010, 2004; RABATEL; MASSMANN, 2015), seja por comentários sobre seu discurso ou sobre o discurso dos locutores-fonte, seja pelo apagamento da origem desses locutores, seja por recontextualização daquilo que dizem (MARNETTE, 2004), entre outras estratégias. Os resultados de análise, embora considerem um exemplar do gênero, revelam que essas estratégias se submetem a uma estratégia global, que visa orientar a leitura segundo os propósitos do locutor.

**Palavras-chave:** Postura enunciativa. Apagamento enunciativo. Reportagem de comunicação da ciência.

**Abstract:** *We focus on the relations between postures and enunciative effacement in a science-communication news article. We show occurrences in which the use of reported speech places the journalist-speaker in the position of super-enunciator (RABATEL, 2015; 2013; 2010; 2004; RABATEL e MASSMANN, 2015), either for commentaries on their discourse or on the discourse of the speaker-sources that they cite, either by effacement concerning the origin of these speakers, or by recontextualization of what they say (MARNETTE, 2004), among other strategies. Although considering only one text genre sample, the results of this analysis point out to the fact of that strategies are submitted to a global strategy, which aims at leading the reader in the direction of the journalist-speaker's purposes.*

**Keywords:** *Enunciative Posture. Enunciative Effacement. Science Communication news article.*

---

<sup>111</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Campus São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: mariahelena.albe@gmail.com.

<sup>112</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Campus São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: eduardag@unisin.br.

## Introdução

Neste trabalho, que tem como foco principal a relação entre discurso relatado e apagamento enunciativo, propomo-nos investigar se a opção por uma determinada postura enunciativa – ser sobre-enunciador ou subenunciador - constitui decisão estratégica por parte do locutor. Segundo Rabatel (2015), essa é uma questão discutível, uma vez que a liberdade de escolha do locutor nunca está totalmente desvinculada de sua língua e de seus discursos. “É uma evidência que certos dados situacionais, interacionais, genéricos pesam na escolha dos temas e dos registros, na maneira de posicionar-se em relação aos outros”. (RABATEL, 2015, p. 125).

Para alcançar esse propósito e tomando como *corpus* de estudo uma reportagem que comunica ciência para jovens, apoiamo-nos, principalmente, em Rabatel (2015) e em Marnette (2004), e apontamos como objetivos centrais (i) identificar quando e em que medida a ocorrência de uma determinada postura é opção estratégica do locutor e (ii) relacionar a opção por uma postura à orientação argumentativa dada ao texto para demonstrar os propósitos do locutor.

Para este artigo, optamos por analisar uma das reportagens que faz parte do *corpus* do grupo de pesquisa CCELD<sup>113</sup>: reportagens da revista *Superinteressante*, versão impressa, divulgadas como matéria de capa no ano de 2014. *Superinteressante* é uma revista de curiosidades culturais e científicas, publicada mensalmente pela Editora Abril desde setembro de 1987. Conforme dados da própria revista, seu público, prioritariamente, situa-se na faixa de 25 a 34 anos. A reportagem escolhida intitula-se *A verdade sobre o glúten* e foi matéria de capa da edição de julho de 2014. Na análise, consideramos apenas o artigo principal, escrito pelo jornalista Robson Pandolfi<sup>114</sup>.

Em razão dos objetivos mencionados anteriormente, estabelecemos como etapas deste trabalho (a) retomar teoricamente quais são as posturas e suas peculiaridades, em conformidade com Rabatel (2015; 2013; 2010; 2004) e Rabatel; Massmann (2015); (b) mostrar, na

---

<sup>113</sup> CCELD: Grupo de Pesquisa “Comunicação da Ciência e Estudos Linguístico-Discursivos” do PPGLA/UNISINOS.

<sup>114</sup> Robson Pandolfi é jornalista e aluno do mestrado em Computação Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na linha de Inteligência Artificial. Especialista em Política Internacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é professor dos cursos de Jornalismo e de Relações Internacionais da UniRitter Laureate International Universities e sócio da República - Agência de Conteúdo, onde escreve para publicações como Superinteressante, Aventuras na História, Galileu, HSM Management e Zero Hora e coordena projetos especiais para empresas, órgãos públicos e organizações não governamentais. (Lattes atualizado em 6/5/2017).

reportagem, a relação entre discurso relatado e apagamento enunciativo. Aqui, valemo-nos especialmente da contribuição da Marnette (2004), que observou essa relação em algumas revistas e jornais impressos; (c) verificar a hipótese de uma relação automática entre gênero e postura; (e) verificar se a opção por determinada postura relaciona-se à orientação argumentativa pretendida pelo locutor. Partimos da premissa de que, se o gênero obriga um tom, certos temas, um registro, um estilo, é sempre possível deixar emergir “a primazia das estratégias dos locutores/enunciadores, porque as posturas são uma das maneiras de posicionar-se em determinado campo”. (RABATEL, 2015, p. 125).

No âmbito da Análise Textual dos Discursos (ATD), o tema das posturas, bem como do apagamento enunciativo ainda é pouco investigado em textos midiáticos, especialmente naqueles voltados à comunicação de temas da ciência. Portanto, com este trabalho, pretendemos contribuir prioritariamente com o desenvolvimento de estudos no campo da divulgação da ciência para leitores jovens.

### **As posturas enunciativas**

De acordo com Rabatel (2015), as posturas enunciativas centram-se na distinção locutor *x* enunciador. O locutor, para o linguista, é a instância que profere os enunciados, como a fonte da atualização e da língua em discurso, oralmente ou por escrito. O enunciador, por sua vez, é a “instância da assunção da responsabilização pelos conteúdos das proposições” (p. 13); ele é

a fonte dos pontos de vista contidos em uma predicação, fonte modal que aparece não somente no *modus*, mas também no *dictum*, por meio das escolhas de referências (escolha das palavras, da quantificação, da qualificação, da modalização, da ordem das palavras etc.). (RABATEL; MASSMANN, 2015, p. 158).

Para Rabatel (2014), estas duas instâncias - locutor e enunciador - andam juntas a maior parte do tempo e, por vezes, são confundidas (RABATEL; MASSMANN, 2015). Essa mescla, ou sincretismo, “diz respeito ao locutor/enunciador primeiro (L1/E1) ou aos locutores/enunciadores segundos (l2/e2)”. Em sua ausência, existem Pontos de Vista (PDV<sup>115</sup>) que remetem a um enunciador não locutor. (RABATEL; MASSMANN, 2015, p. 158).

---

<sup>115</sup> Rabatel emprega, para a expressão *ponto de vista*, a sigla PDV.

Se os enunciados possuem um locutor e um enunciador primeiros em sincretismo (L1/E1) – em virtude das máximas, segundo as quais não se fala para nada dizer nem para dizer o contrário do que se pensa ou daquilo que se sabe – eles contêm assim locutores/enunciadores segundos (l2/e2), e também enunciadores segundos não locutores (e2), fonte dos pontos de vista (PDV). (RABATEL, 2015, p. 13).

São diferentes enunciadores cuja relação nem sempre é simétrica, portanto são hierarquizadas no discurso, e é desse sistema de hierarquização que tratam as posturas enunciativas: as noções de coenunciação, sobre-enunciação e subenunciação, as quais abordaremos na próxima subseção.

### **A hierarquização das posturas enunciativas**

As posturas correspondem às relações entre os enunciadores na coconstrução linguística de um mesmo PDV, considerando que as formulações não alteram significativamente o PDV inicial. Todas as marcas sintáticas e discursivas que entram na coconstrução de um PDV contribuem com a expressão das posturas de co, sobre- e subenunciação. (RABATEL, 2013).

As posturas possibilitam pensar a coconstrução do PDV segundo um *continuum* de um modo mais refinado que a oposição acordo/desacordo, consenso/dissenso. Rabatel (2013), a partir das noções de “concordância discordante” e de “discordância concordante” de Ricoeur (1983 apud RABATEL, 2013, p. 173), caracteriza a concordância concordante como a única forma verdadeira de coenunciação; a concordância discordante como sobre-enunciação; a discordância concordante como subenunciação. Essas duas últimas posturas indicam uma dissimetria na coconstrução de um PDV mais ou menos assumida por dois locutores por meio de retomadas e reformulações, enquanto a discordância discordante emerge da expressão manifesta e explícita de dois pontos de vista opostos. (RABATEL, 2013, p. 173).

Na coenunciação, ocorre simetria dos pontos de vista do discurso. Diferentemente, tanto sobre-enunciação quanto subenunciação são duas posturas dissimétricas, que evidenciam desigualdade no enquadramento de posições e enunciadores. Como podemos observar no esquema mostrado na figura 1, as posturas situam-se em um *continuum* que vai do consenso ao dissenso.

Figura 1: Hierarquização das posturas enunciativas

Concordância	Concordância	Discordância	Discordância
Concordante	Discordante	concordante	Discordante
Consenso <----- ----->Dissenso			
Coenunciação	Sobre-enunciação	Subenunciação	Enunciação
de um PDV partilhado	de um PDV	de um PDV	de 2 PDVs
	dominante	dominado	opostos

FONTE: Rabatel (2013, p. 173, tradução nossa).

No esquema, constatamos que, ao lado de uma representação prototípica do consenso, a concordância concordante, e do dissenso, como discordância discordante, há espaço para estágios intermediários, que são a concordância discordante e a discordância concordante.

Rabatel (2013) ainda traz mais elementos para que possamos examinar esse fenômeno: a coenunciação é a coprodução de um PDV comum e compartilhado por dois locutores/enunciadores. Como os fenômenos de acordo/concordância sobre um PDV são frágeis e limitados (caso contrário, a comunicação avançaria pouco e ficaria reduzida a uma cooperação ideal), a coenunciação é rapidamente seguida por sobre- ou subenunciação, uma estratégia empregada pelo locutor/enunciador para melhor dar a perceber e relatar as divergências ou desigualdades frequentes na dinâmica comunicacional.

A sobre-enunciação é a coprodução de PDV dominando L1/E1, que reformula os PDV, aparecendo para dizer o mesmo, modificando a seu favor o domínio de pertinência do conteúdo ou a sua orientação argumentativa. É uma forma de concordância modulada por L1/E1 em vista de uma vantagem cognitiva e/ou interacional, como se ele tivesse o papel de completar o PDV inicial, de dar-lhe o seu verdadeiro significado. A subenunciação, por sua vez, é uma coprodução de um PDV dominado, L1/E1. O subenunciador assume, com reserva, distância ou precaução um PDV que vem de uma fonte à qual ele confere um estatuto preeminente. (RABATEL, 2013).

A contribuição das posturas à dinâmica dos lugares ocupados é valiosa, pois as relações de co, sobre- e subenunciação são sobredeterminadas pela dialogia interacional e pela situação objetiva anterior, mas devem ser verificadas (ou mesmo contestadas) no curso da interação, explicita Rabatel (2004).

Em relação ao papel do locutor, Rabatel (2010) também afirma que co, sobre- e subenunciação não devem ser confundidas com co, sobre- e sublocução: um locutor pode falar muito sem que seu PDV seja dominante interacionalmente. Por outro lado, ser um locutor que fale pouco (um "sublocutor") não implica ser um subenunciador. Da mesma forma, a coenunciação não implica que os dois coenunciadores pronunciem, como locutores, a mesma quantidade de palavras.

Quanto à noção de apagamento enunciativo, no entender de Rabatel (2004), ela igualmente funciona em um continuum, de acordo com os graus de produção de marcas lexicais e indiciais por parte do locutor/enunciador. O apagamento enunciativo permite ao locutor/enunciador apagar-se do que ele diz, provocando efeitos pragmáticos variados. “Esta possibilidade depende da disjunção entre locutor e enunciador e, especialmente, sobre a existência de enunciadores intratextuais na origem dos pontos de vista, que não são necessariamente falados”. (RABATEL, 2004, p. 2).

No discurso relatado, os diferentes tipos de apagamento do locutor/enunciador citante ou citado, na construção interativa dos pontos de vista, correspondem às seguintes posturas enunciativas: os coenunciadores coproduzem um ponto de vista compartilhado; o sobre-enunciador (na maioria das vezes, o locutor que cita) impõe seu ponto de vista sobre os outros; o subenunciador constrói o seu ponto de vista com referência a um enunciador dominante (na maioria das vezes, o falante citado).

### **As posturas e o apagamento enunciativo em textos da imprensa escrita**

Para analisar a relação entre posturas enunciativas e apagamento enunciativo, valemos, além de Rabatel, de Marnette (2004), que desenvolveu estudos sobre o apagamento enunciativo em textos da imprensa, como revistas femininas, revistas de informação e jornais diários, retomando os mesmos conceitos formulados por Rabatel (2004).

Para Marnette (2004), a imprensa constitui um terreno de pesquisa interessante para investigar a relação locutor citante (L1) e locutor citado (I2). O jornalista pode reivindicar seu papel de repórter/redator, mas as convenções da imprensa requerem igualmente que, à parte de editoriais e artigos em primeira pessoa, a maioria dos textos pareçam objetivos, isto é, que, de certa maneira, se apague a voz do jornalista para dar prioridade às fontes (fontes de discurso, como os acontecimentos; ou fontes de discurso, a propósito de um acontecimento).

Se, por um lado, os jornalistas relatam acontecimentos enunciativos, como discursos políticos, declarações, por outro lado seu acesso aos acontecimentos não enunciativos, como guerras, crimes, ocorre, na maior parte do tempo, não por meio de suas experiências, mas mediante o discurso de outros (testemunhas, especialistas etc.), de modo que “se os discursos são, por vezes, apresentados como acontecimentos, os acontecimentos são igualmente apresentados por meio do discurso”. (MARNETTE, 2004, p. 51).

*A priori*, como declara Marnette (2004), poderíamos considerar um relativo apagamento enunciativo do jornalista L1 (fonte citante) em benefício das fontes enunciativas l2 (fonte citada) e, portanto, de certo modo, uma postura de sub-enunciador de L1. Neste trabalho, debruçamo-nos sobre casos em que o emprego do discurso relatado, em uma reportagem que comunica ciência, situa claramente o jornalista L1 na posição de sobre-enunciador.

### 3.2.1 *Locutor 1 na posição de sobre-enunciador*

Em seu estudo, Marnette (2004, p. 52) declara que o jornalista pode colocar-se em posição de sobre-enunciador, uma vez que ele cita seu próprio discurso. Ele aborda o assunto dentro de um quadro mais ou menos argumentativo. Essa posição, para ela, é rara nos jornais diários franceses, que mantêm uma objetividade, todavia é mais frequente nas revistas femininas ou de celebridades, em razão do caráter coloquial e tom de diálogo, ou ainda nas revistas de informação, de temas mais polêmicos. Nesses veículos, reforça-se a posição de sobre-enunciador do jornalista-locutor em relação às outras fontes citadas.

Como mostra Marnette (2004), quando o jornalista relata o discurso de outro, muitas razões podem explicar por que l2 (fonte citada) pode ocupar a posição de subenunciador. São algumas dessas razões:

(a) o artigo deve ser breve e ir diretamente àquilo que causará maior repercussão. Desse modo, há o apagamento do que é julgado inútil e a tendência de o jornalista fazer uma montagem;

(b) o jornalista não tem acesso às próprias fontes, o que o obriga a valer-se de conferências ou de testemunhos diversos;

(c) o locutor-fonte deve, às vezes, ser protegido e, por isso, ficar anônimo;

(d) o locutor-fonte não é, muitas vezes, tão importante como indivíduo, mas como representante de uma opinião geral ou de uma categoria.

Do ponto de vista linguístico e discursivo (MARNETTE, 2004, p. 53), a postura de L1 em sobre-enunciador se manifesta de diversas maneiras:

(a) *L1 emite julgamentos sobre o discurso de l2*: aquele pode fazer isso explicitamente, empregando recursos linguísticos como advérbios ou adjetivos fora do discurso relatado, por exemplo. Pode agir de maneira tácita. Pode também jogar com o semanticismo dos verbos *dicendi* e de pensamento, ou de outra expressão introdutora. Pode, igualmente, utilizar o condicional da imprensa para marcar certo distanciamento e a dúvida ou o desacordo. Enfim, os julgamentos implícitos sobre a importância (e então também sobre a confiança/fiabilidade) do discurso citado provêm, igualmente, dos processos da escrita.

(b) *L1 apaga a origem de l2*: constata-se a ausência de referências precisas às fontes, o que pode ocorrer devido a várias razões, que vão desde a necessidade de concisão até a impossibilidade ou a inutilidade de citar as fontes.

(c) *L1 apaga o querer dizer de l2*: ocorre a recontextualização do discurso relatado, uma vez que é retirado da situação de enunciação inicial e inserido em outro discurso, com a transposição de emblemas ou não. Essa recontextualização pode ser mais ou menos evidenciada, o que remete ao efeito “patchwork”, isto é, à colagem de muitos discursos relatados. O efeito “patchwork” é visível quando “os discursos relatados são discursos mistos, ou seja, com segmentos (transpostos ou não) entre aspas, vindos após um verbo *dicendi* e uma conjunção de subordinação (QUE), ou, então, inseridos em um DR-I”. (MARNETTE, 2004, p. 56).

O resultado de uma colagem é que os discursos citados são inseridos no discurso do jornalista-L1, que emprega o sinal de aspas tanto para indicar seu papel de repórter quanto para conferir autenticidade aos discursos citados. Para Marnette (2004), esses discursos, muitas vezes, não contêm os elementos de transposição do DR-D para o DR-I, como dêiticos, pronomes etc., o que torna sua integração no discurso citante facilitada.

(d) *L1 apaga o dizer de l2*: há ausência de transposição de emblemas no discurso relatado e/ou apresentação do discurso de l2 como acontecimentos enunciativos sobre o mesmo plano de outros acontecimentos não enunciativos, e não como conteúdos discursivos.

Resumidamente, as maneiras mediante as quais L1 pode apresentar-se como sobre-enunciador no discurso relatado, conforme Marnette (2004), podem ser visualizadas no quadro que segue.

Figura 2: L1 como sobre-enunciador no discurso relatado

Quadro-resumo
L1 emite julgamentos (implícitos ou explícitos) sobre o discurso de l2
L1 apaga a origem de l2
L1 apaga o querer dizer de l2
L1 apaga o dizer de l2

Fonte: Elaborado pela autora com base em Marnette (2004).

Certamente, como afirma Marnette (2004), o jornalista não está sempre na posição de sobre-enunciador. Pode acontecer de seu próprio discurso apagar-se em benefício daquilo que ele relata, por exemplo, nos artigos sem autor (vindos de agências de notícias, nomeadas ou não).

Para finalizar, podemos dizer que a diferença entre sobre- e subenunciação é complexa, como já fora enfatizado por Rabatel (2015; 2004) e por Marnette (2004), pois essas posturas, em parte, estão associadas aos tipos de discurso relatado utilizados por L1/E1, mas muito mais ao modo estratégico como os diferentes discursos relatados são inseridos no discurso de L1/E1.

Na análise do artigo principal da reportagem *A verdade sobre o glúten*, buscamos identificar ocorrências que revelam como L1/E1 ocupa a posição de sobre-enunciador em relação a l2/e2 e por que opta por essa estratégia.

### **Análise da reportagem *A verdade sobre o glúten* da Revista Superinteressante**

Nesta seção, mostramos evidências da postura assumida por L1/E1 como sobre-enunciador em ocorrências de discurso relatado na reportagem *A verdade sobre o glúten*. A análise do seu artigo principal aponta para o gerenciamento de determinados mecanismos na inserção das diferentes fontes convocadas, objetivando orientar argumentativamente o texto e expressar o ponto de vista de L1/E1, conforme segue.

(a) *L1/E1* relata o discurso do outro, quando não tem acesso direto à fonte. Na reportagem, o recurso pode ser observado no excerto (1) a seguir<sup>116</sup>.

(1) *Para o neurologista americano David Perlmutter, autor do livro *A Dieta da Mente*, o problema está nas modificações feitas por agricultores. Na segunda metade do século 20, eles passaram a cruzar vários tipos de trigo para produzir variedades mais fortes e aumentar a produtividade na lavoura. Com isso, a planta sofreu várias modificações. (linhas 43-44, grifos nossos).*

No excerto, *L1/E1* opta pelo emprego do discurso relatado indireto mediado, marcado pelo nexos “para”. Esse recurso linguístico assinala o fato de que a origem do saber é atribuída ao neurologista americano, todavia de forma mediada. Essa é a única referência ao profissional e inclui a menção a seu livro *A Dieta da Mente*, que também vem citado ao término da reportagem como indicação para leitura. Em (1), *l2/e2* se apaga como fonte do dizer, que provém da obra publicada por ele.

(b) *O locutor-fonte, l2/e2, pode não ser tão importante como indivíduo, mas sim como representante de uma opinião geral ou de uma categoria.* No artigo principal da reportagem, também identificamos passagens em que *L1/E1* assume a postura de sobre-enunciador convocando uma voz coletiva, indeterminada, como fonte da informação. Essa opção pode ser exemplificada no excerto (2):

(2) *Hoje, os médicos suecos mudaram de opinião e recomendam que bebês ingiram pequenas quantidades de alimentos com glúten já durante o período de amamentação (a partir dos 5 meses de idade). (linhas 205-207, grifos nossos).*

Em (2), a informação não provém de um pesquisador ou profissional da área da saúde, mas de um sujeito coletivo, a categoria profissional. Apaga-se o indivíduo em detrimento da coletividade que o representa, e *L1/E1* assume a postura de sobre-enunciador, de acordo com Marnette (2004).

(c) *L1/E1* apaga a origem de *l2/e2* do discurso relatado. Na reportagem *A verdade sobre o glúten*, essa estratégia pode ser identificada no recurso a oração sem sujeito, a verbo flexionado na terceira pessoa do singular + se, ou a pronome indefinido (Quem). Vejamos o excerto (3):

---

<sup>116</sup> A partir do excerto (1), todas as ocorrências analisadas aparecem em itálico no contexto em que se encontram. Para a numeração das linhas, transcrevemos o artigo principal da reportagem para um arquivo Word e numeramos todas as linhas a partir do título.

(3) Inicialmente, *acreditava-se* que os danos cerebrais poderiam ser causados pela deficiência de vitaminas, em decorrência de uma má absorção de nutrientes. (linhas 156-158, grifos nossos).

Verificamos, em (3), a incidência de discurso relatado indireto em que l2/e2 é apagado como fonte no discurso de L1/E1. A impessoalização marca um período de tempo em que a ciência ainda não tinha o conhecimento que descobertas de testes posteriores apontaram. L1/E1 se coloca como condutor do fio do discurso, ou seja, como sobre-enunciador.

(d) *L1/E1 apaga o querer dizer de l2/e2*. No excerto (4) a seguir, L1/E1 recorre às aspas para inserir, a uma certa distância, uma expressão que é atribuídas a uma voz não identificada no segmento. L1/E1 avança com uma ilha textual, ou ilha enunciativa, mediante uso de aspas, uma expressão que faz parte do discurso de l2/e2, ressaltando a veracidade da informação. Em uma ilha textual, no entender de Maingueneau (2002, p. 151), L1/E1 “menciona e cita”.

(4) E isso foi uma coisa boa, tanto que uma das características mais valorizadas no trigo é a chamada “*força de glúten*”, que ajuda muito na produção de pães. “É ela que deixa o pão fofo, alto e bonito. Se não tiver uma força de glúten mínima, o pão não cresce”, explica o pesquisador Eduardo Caeirão, que trabalha com melhoramento genético na Embrapa Trigo. (linhas 59-62, grifos nossos).

Em discurso indireto, essa ilha textual contém palavras que são atribuídas a um enunciador citado posteriormente, recurso que pode ser constatado no emprego do pronome pessoal “ela”, que recupera, em discurso direto, o que fora antecipado por L1/E1. Portanto, no excerto, L1/E1 apropria-se da expressão “força do glúten”, e o ponto de vista passa a ser assumido por ele, como sobre-enunciador.

e) *L1/E1 emite comentários ou explicações sobre seu próprio discurso*. Nesta reportagem, igualmente identificamos grande incidência de sinais de pontuação, como travessão e parêntese, mediante os quais L1/ E1 comenta, exemplifica, explica seu próprio discurso. A opção por esses recursos revela, no cotexto em que aparecem, a assunção, por parte de L1/E1, da postura de sobre-enunciador. Vejamos os exemplos (5), (6) e (7):

(5) “Não há um só sistema no organismo que não seja afetado pelo trigo”, ataca Davis. “Da fadiga à artrite, do desconforto gastrointestinal ao ganho de peso, todos [esses males] têm como origem o alimento, de aparência inocente, que cada um de nós come todas as manhãs”, acredita. Por essa tese, o trigo pode estar nos fazendo mal – *e ser o grande responsável pela epidemia de obesidade no mundo (que não é apenas uma questão estética, pois está ligada a uma série de doenças graves, como problemas cardíacos)*. (linhas 79-84, grifos nossos).

(6) Os sintomas mais típicos da doença celíaca (*que, é bom lembrar, só pode ser diagnosticada por um médico*) incluem diarreia, desconforto abdominal, vômitos, irritabilidade, falta de apetite e anemia. (linhas 144-146, grifos nossos).

(7) Ainda há muito a ser descoberto sobre a ação do glúten no corpo humano. Mas tudo indica que ele não é totalmente inocente – *nem o terrível vilão que se imagina*. (linhas 208-209, grifos nossos).

(f) *L1/E1 assume, por vezes, o discurso em primeira pessoa do plural*, como podemos observar no exemplo (8).

(8) Isso é uma moda? Afinal, *devemos* ou não comer glúten? A resposta não é tão simples quanto a pergunta. Primeiro, *precisamos* entender o que ele é. (p. 26-27, grifos nossos).

Em (8), o pronome de primeira pessoa do plural “nós” é empregado para referir L1/E1. Mediante o pronome plural, integram-se, ao mesmo tempo, o locutor-jornalista e o interlocutor-leitor, e reforça-se a posição de sobre-enunciador de L1/E1 em relação às outras fontes citadas no texto principal da reportagem. L1/E1 assume, com a inclusão do leitor, o ponto de vista da informação que veicula.

No texto jornalístico, L1/E1 pode optar por referir fontes mediante o recurso da despersonalização – por abstração ou por objetivação (VAN LEEUWEN, 1996), o que vamos tratar no item (g) a seguir.

(g) *A fonte, l2, é despersonalizada*. Nesta reportagem, a estratégia manifesta-se na forma de objetivação, em que a fonte é introduzida mediante referência ao trabalho do indivíduo, ou ao resultado desse trabalho. A objetivação é uma forma de impessoalização, que se constitui em recurso para alcançar os propósitos de L1/E1.

Vejamos os excertos (9) e (10):

(9) Segundo *um estudo* do Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a incidência de alergias alimentares no mundo cresceu nada menos que 50% entre 1997 e 2013. (linhas 5-6, grifos nossos).

(10) *Algumas pesquisas*, no entanto, sugerem que as consequências podem ir muito além do intestino. (linhas 148-149, grifos nossos).

Nesses excertos, L1/E1 reporta-se a estudo, a pesquisas como fontes-texto, o que pode revelar que não teve acesso ao depoimento dos próprios pesquisadores. Esse procedimento implica, no texto da reportagem, o apagamento enunciativo de l2/e2. Os textos – estudo, pesquisas – atribuem autoridade impessoal à declaração mencionada na reportagem.

Para finalizar, como resultado da análise aqui empreendida, elaboramos um quadro que reúne as principais maneiras como L1/E1 assume a postura de sobre-enunciador no discurso relatado da reportagem *A verdade sobre o glúten*, – em detrimento do apagamento enunciativo de l2/e2

Figura 3: L1/E1 como sobre-enunciador no discurso relatado em *A verdade sobre o glúten*

Quadro-resumo
L1/E1 relata o discurso do outro, quando não tem acesso direto à fonte
l2/e2 pode não ser tão importante como indivíduo, mas sim como representante de uma opinião geral ou de uma categoria
L1/E1 apaga a origem de l2/e2 do discurso relatado
L1/E1 apaga o querer dizer de l2/e2
L1/E1 emite comentários, explicações sobre seu próprio discurso
L1/E1 assume o discurso em primeira pessoa do plural
l2/e2 é despersonalizado

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados da análise.

## Considerações finais

Para finalizar este estudo, é possível alinharmos-nos a Marnete (2004) e a Rabatel (2015; 2004), quando enfatizam que a diferença entre sobre- e subenunciação é complexa, pois, em parte, essas posturas estão ligadas aos tipos de discurso relatado utilizados por L1, porém, muito mais ainda, ao modo estratégico como os diferentes discursos relatados são inseridos no discurso de L1/E1. Na imprensa, para Marnete (2004, p. 63), “essas estratégias variam segundo os gêneros examinados [...] e dependem claramente das modalidades de publicação, das posições ideológicas da publicação e, é claro, do seu público”. Trata-se de considerar tanto o contexto situacional quanto o cotexto no qual analisamos a ocorrência das palavras e dos pensamentos de L1/E1.

A escolha de uma ou de outra postura pode ser determinada, em reportagem que comunica temas da ciência para jovens, como concluímos, pela orientação argumentativa pretendida. Na reportagem *A verdade sobre o glúten*, observamos que a opção por colocar l2/e2 como subenunciador de modo pontual mostra-se como uma estratégia argumentativa submetida a uma estratégia mais global, que estabelece como dominante o ponto de vista do jornalista – L1/E1. L1/E1, dialogando com outras vozes, utiliza-as para construir seu PDV, e assim, projetar a sua própria posição nesse jogo enunciativo, por vezes como subenunciador, quando tem propósitos que considera relevantes; por vezes, como sobre-enunciador, assumindo o PDV, como atestam os excertos que trazemos a este artigo

Ainda que não tenhamos realizado um exame exaustivo das posturas enunciativas no conjunto dos textos que compõem o *corpus*, e sim em apenas um exemplar do gênero, observamos a predominância da postura L1/E1 como sobre-enunciador, PDV principal, pois é ele quem escolhe as estratégias e orienta argumentativamente a leitura do texto em razão de seus propósitos. No caso de *A verdade sobre o glúten*, considerando a relação de forças entre as diferentes posturas assumidas no texto, o fio do discurso conduz o leitor na direção de uma orientação que enfatiza o caráter da ciência, em que nada é definitivo, e que há muito ainda a ser descoberto, inclusive em relação à ação do glúten, como revela o excerto a seguir. Além disso, posiciona-se frente à discussão em torno do tema, concluindo seu texto alertando para o fato de que pode ser perigoso acreditarmos que uma única substância, como o glúten, poderia ser a responsável por todos os problemas alimentares que nos preocupam hoje.

Ainda há muito a ser descoberto sobre a ação do glúten no corpo humano. Mas tudo indica que ele não é totalmente inocente – nem o terrível vilão que se imagina. Acreditar que uma única substância possa estar na raiz de todos os problemas alimentares modernos pode ser uma aposta perigosa. Até porque você não se alimenta de um único tipo de comida. Além de pouco saudável, seria bem enjoativo. (linhas 208-212).

Com este trabalho, esperamos contribuir com os estudos sobre o papel do locutor-jornalista na produção de textos de midiaticização da ciência. A reflexão sobre como a opção estratégica por determinada postura enunciativa – coenunciação, subenunciação ou sobre-enunciação – pode orientar argumentativamente a leitura na direção dos propósitos de L1/E1 reafirma a finalidade do gênero, que é promover a democratização do conhecimento científico para o exercício da cidadania, tão necessária no contexto atual.

## Referências

MARNETTE, Sophie. L'effacement énonciatif dans la presse contemporaine. **Langages**, [S.l.], n. 156, p.51–54, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PANDOLFI, Robson. A verdade sobre o glúten. Fotos: Dulla; design: Fabrício Miranda; edição: Bruno Garattoni; produção: Cíntia Sanchez; colaboração: Andreas Müller, Pedro Henrique Tavares e Tatiana Reckziegel. **Superinteressante**, São Paulo, n. 335, p. 26-35, jul. 2014.

RABATEL, Alain. Postures énonciatives, variable générique et stratégies de positionnement. In: ANGERMULLER, Johannes; PHILIPPE, Gilles. **Analyse du discours et dispositifs d'énonciation**: autour des travaux de Dominique Maingueneau, tradução Euclides Moreira Neto. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. 125-135.

\_\_\_\_\_. Positions, positionnements et postures de l'énonciateur. **Linha d'Água**, n. 26 (2), p. 150-183, 2013.

\_\_\_\_\_. De l'intérêt des postures énonciatives de co-énonciation, sous-énonciation, sur-énonciation pour l'interprétation des textes (en classe). **La Clé des Langues** (Lyon: ENS LYON/DGESCO), [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://cle.ens-lyon.fr/domaines-de-la-linguistique/de-l-interet-des-postures-enonciatives-de-co-enonciation-sous-enonciation-sur-enonciation-pour-l-interpretation-des-textes-en-classe--145410.kjsp>> Acesso em: 10 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. **Langages**, année 38, n. 156, p. 3-17. 2004. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2004\\_num\\_38\\_156\\_960](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2004_num_38_156_960) Acesso em: 15 ago. 2015.

\_\_\_\_\_; MASSMANN, Débora. Re-torno sobre um percurso em enunciação. (Entrevista com Alain Rabatel por Débora Massmann). **Entremeios**: Revista de Estudos do Discurso. PPGCL - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), v. 11, p. 147-165, jul.-dez. 2015.

VAN LEEUWEN, Theo. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; COULTHARD, Malcolm. (Ed.). **Text and practice**: readings in critical discourse analysis. London: Routledge, 1996, p. 32-70.